

SAMPAIO, Hildegarda B. **Micropolíticas de composição**: cartografias do núcleo do Dirceu e seus agenciamentos na construção de outros contextos para dança contemporânea em Teresina. Salvador: Universidade Federal da Bahia \_ UFBA. Programa de Pós-Graduação em Dança– PPGDança; Mestrado. Orientadora: Lúcia Helena Alfredi de Matos. Bolsa CAPES – DS. Artista, pesquisadora em dança, educadora e produtora cultural.

## RESUMO

Segundo Rolnik (2011, p.38) para a garantia de uma micropolítica processual a construção de novos modos de subjetivação, só pode e deve ser encontrada, a partir dos agenciamentos que a constituem na invenção de modos de referência e singularização. A invenção destes modos permite elucidar um campo de subjetivação e intervir no campo das micropolíticas e macropolíticas; seguindo este entendimento a pesquisa aqui apresentada, ainda em desenvolvimento, se propõe a analisar as composições e os atravessamentos entre o Núcleo do Dirceu e os agentes da dança contemporânea da cidade de Teresina, compreendendo em que medida as fricções e os tensionamentos da dança contemporânea, contribuiu para o agenciamento de um plano de composição artístico-político dos agentes da dança em Teresina. Pensar territórios, subjetividades e sujeitos é relevante para o processo desta pesquisa, pois nos leva a reconhecer e refletir sobre os processos e as dinâmicas existentes na construção de outros contextos, pautados numa escolha estética e política, onde conexões sejam realizadas entre todos os envolvidos direta ou indiretamente, cooperando para a produção de contextos, conhecimentos e articulação política. O referencial metodológico proposto será a pesquisa qualitativa e participativa, de caráter pesquisa-intervenção, com ênfase no método cartográfico. Assim, considera-se as interseções entre os artistas integrantes do Núcleo do Dirceu nos seus 10 anos de existência, com outros grupos e outros espaços, analisando suas proposições formativas e políticas, bem como os dissensos e as ausências. Buscando à luz de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Suely Rolnik identificar, tensionar e compreender esses modos de referência que singularizam o cenário da dança contemporânea em Teresina, perpassando a dimensão subjetiva, cultural e organizacional.

**Palavras-chave:** Dança. Micropolíticas. Agenciamentos. Cartografia.

**Micropolitics composition:** núcleo do Dirceu's cartographies and its assemblages concerning the development of other contexts to the dance field in Teresina.

## **ABSTRACT**

According to Rolnik (2011, p. 38), to guarantee a procedural micro politics the construction of new modes of subjectivation can only and must be found from the assemblages that constitute it in the invention of modes of reference and singularization. The invention of these modes allows to elucidate a field of subjectivation and intervene in the field of micropolitics and macro-politics; Following this understanding, the research presented here, which is still under development, proposes an analysis of the compositions and crossings between the Núcleo do Dirceu and the contemporary dance agents of the city of Teresina, understanding the extent to which the frictions and tensions of contemporary dance, contributed to the articulation of a plan of artistic-political composition of the agents of the dance in Teresina. Thinking about territories, subjectivities and subjects is relevant to the process of this research, because it leads us to recognize and reflect on the processes and dynamics in the construction of other contexts, based on an aesthetic and political choice, where connections are made between all those involved directly or indirectly, cooperating for the production of contexts, knowledge and political articulation. The proposed methodological framework will be the qualitative and participatory research, of a research-intervention nature, with emphasis on the cartographic method. Thus, we consider the intersections between the artists who are members of Núcleo do Dirceu in their 10 years of existence, with other groups and other spaces, analyzing their formative and political propositions, as well as dissent and absences. Seeking, in the light of Gilles Deleuze, Félix Guattari and Suely Rolnik, to identify, stress and understand these reference modes that distinguish the scenario of contemporary dance in Teresina, permeating the subjective, cultural and organizational dimension.

**Keywords:** Dance. Micropolitics. Agencies. Cartography.

### **Um chão de possibilidades**

Pisar o chão da dança teresinense é sentir sob os pés suas ranhuras e desníveis, percebendo no trajeto os rastros de quem também trilha e alarga este caminho curto, porém árido. Todo chão apresenta suas especificidades, cabendo a nós definir rumos e traçar linhas, que podem conforme os encontros do caminho, se articular e iniciar uma trama com potências, partilhas e fissuras.

Neste chão de possibilidades, processos coevolutivos de geração e difusão de ações e conhecimentos se efetivam, e podem contribuir para o seu fortalecimento e o reconhecimento de que mudanças consistentes podem

surgir com a superação de obstáculos e a construção de outras formas de produção, comunicação e organização.

Segundo Rancière (2005, p.17) “as práticas artísticas são ‘maneiras de fazer’ que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas suas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade.” São os modos de articulação entre estas maneiras e as formas de elaboração de sentidos, que constituem um regime específico de identificação e pensamentos das artes.

A configuração dessas mudanças e maneiras se dão num exercício contínuo para se estabelecer uma política da arte a partir do entrelaçamento de lógicas heterogêneas, pensando essas relações com o mundo de forma ativa.

Na dança, a criação de espaços-tempo para a experiência de novas possibilidades artísticas e maneiras de fazer, corroboram como uma micropolítica e possibilitam a criação de uma grande rede tecida a partir de devires, vivenciando diferentes visões de mundo, contribuindo para sua diversificação e projeção.

Aqui a abordagem micropolítica é feita pelo viés da “percepção, da afecção, da conversa, etc”, como proposta por Deleuze e Guattari (1994, p. 99). Na acepção dos autores, a micropolítica opera numa dimensão de indecidibilidade, onde seu debate se insere mais no campo da ética do que da política, operando por processo e não por modelo, operando no detalhe, por meio de fluxos de intensidades que podem ser extensivos ao conjunto do corpo social, mas possuem um caráter de imprevisibilidade. As micropolíticas são um composto heterogêneo de “crenças e desejos” que compõe o “fundo da sociedade” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 98).

Analisar o desenvolvimento da dança na cidade de Teresina, considerando os aspectos participativos e colaborativos, passa pela geração de outros modos de fazeres, afetos e conhecimentos a partir de interações formais e informais. Estas são realizadas entre grupos, artistas e instituições, na criação e uso de outros balizadores para a articulação de contextos, com uma lógica mais ampla, propositiva e responsiva, possibilitando outras conexões e outras reflexões.

Neste processo surgem linhas de fuga, como vetores que desterritorializam; sendo as linhas de fuga entendidas como algo que “sempre vaza ou foge, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina de sobrecodificação” (DELEUZE E GUATTARI, 2012, p. 103); tangenciando a ampliação de outros contextos relacionais, friccionando entendimentos, diferenças e fazeres como forma de existência visando outros modos de produzir conhecimentos e estar no mundo, problematizando questões do território nas dimensões das micro e macropolíticas.

[...] uma *linha de segmentação maleável ou molecular*, onde os segmentos são como *quanta* de desterritorialização. É nessa linha que se define um presente cuja própria forma é a de um algo que aconteceu, já passado, por mais próximo que se esteja dele, já que a matéria inapreensível desse algo está inteiramente molecularizada, em velocidades que ultrapassam os limiares ordinários de percepção. (DELEUZE E GUATTARI, 2012, p.75)

Segundo os autores, “tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 99). Assim, todos são atravessados simultaneamente por duas segmentaridades, uma molar (moderna e endurecida) e outra molecular (flexível e primitiva), que efetivamente se distinguem pelo tipo de natureza de cada dimensão e são inseparáveis; estabelecendo, dessa forma, um trânsito entre segmentaridades e política.

Ambas dimensões – micro e macropolítica - são tomadas pelas conexões que estabelecem. A micropolítica analisa o cruzamento entre diferentes modos de apreensão de uma problemática; “na tentativa de agenciar os processos e singularização no próprio nível de onde eles emergem” (DELEUZE E ROLNIK, 2011, p. 152). Já a macropolítica, tende às totalidades, opera grandes conjuntos binários e classificatórios, é a política do plano gerado pela linha dos territórios, das macrodecisões e dos modelos.

O conceito de território implica o espaço, não exclusivamente como a delimitação de um lugar geográfico, mas um lugar de passagem, uma possibilidade de outro modo de existência; a desterritorialização funda um outro território, o território do devir, propiciando o encontro e outras possibilidades, tal como pode ocorrer em processos de criação artística compartilhados. Nesse sentido, a criação em arte pode possibilitar que artistas e não artistas criem, se

autorizem a conviver em espaços criativos para a produção de outras experiências.

Desta forma a dimensão de coletivo extrapola as fronteiras preestabelecidas, funcionando como zona de indiscernibilidade, que não pertence exclusivamente a nenhum dos domínios específicos ou grupos implicados no processo, mas diz respeito à complexidade da realidade a qual estão inseridos.

Neste contexto, cartografar as ações desenvolvidas no Núcleo do Dirceu durante seus 10 anos de existência, torna-se relevante para esta pesquisa ao buscar entender a seguinte questão: em que medida os agenciamentos e a desterritorialização produzidas no Núcleo de Dirceu contribuem para a composição de outros contextos para a dança de Teresina?

Desse modo, junto aos autores apresentados, investiga-se o espaço das micropolíticas como esferas de possibilidades, desejos, experiências, criação e agenciamentos entre sujeitos e contextos.

### **Entre sujeitos, experiências e território**

Em relação a constituição dos sujeitos Bondía (2002, p. 21) ressalta a experiência como “algo o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, através dos diferentes encontros vividos com o outro, pois “[...] o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” que nos diferencia daqueles que nos cercam. Nessa perspectiva, o aspecto criador da experiência, segundo Kastrup e Passos (2013) mostra a codependência existente entre o mundo que nos aparece e o ponto de vista do modo como se experimenta o mundo.

Neste processo, cartografar um território de experiências é tentar apreender uma dimensão que vai além do reconhecimento de formas, é acessar vetores transversais que perpassam atmosferas, ritmos, velocidades e intensidades que configuram a dinâmica das formas. Para Deleuze e Rolnik (2011, p. 157) é através da cartografia das formações subjetivas que podemos esperar nos distinguir dos investimentos libidinais dominantes.

Investigar territórios, subjetividade e planos de composição é relevante para o processo, pois nos leva a reconhecer e refletir sobre os processos de subjetivação, as dinâmicas e os agenciamentos necessários à territorialização e desterritorialização, através de um plano comum, para a produção de formas de vida, conhecimentos e organização social.

O conceito de comum se define por sua consistência experiencial e concreta e constitui um desafio a ser permanentemente enfrentado, não sendo jamais conquistado de modo definitivo. [...] É comum o que, na experiência, é vivido como pertencimento de qualquer um ao coletivo. Trata-se de conceito político por excelência, já que comum é a experiência de “decisão concertada” a que somos convocados, e mesmo forçados a fazer na partilha do coletivo. (PASSOS & KASTRUP, 2013, p. 267).

O Núcleo do Dirceu, desde a sua concepção e instalação, em 2006, pautou-se numa filosofia e política de compartilhamento e de criação em colaboração, constituindo-se através dos conhecimentos e experiências vivenciadas entre seus participantes e as trocas proporcionadas à comunidade do Dirceu e a cidade; como espaço de afirmação e construção de pontes para o reconhecimento da dança contemporânea produzida nos seus 10 anos de existência.

O Núcleo tornou-se uma das referências nacionais em formação, pesquisa e produção das artes cênicas contemporâneas, realizando constantes intercâmbios, nacionais e internacionais. A plataforma de criação adotada pelos artistas operavam um sistema de gestão horizontal e colaborativo, na geração de conhecimentos e possibilidades de expansão social; tomando sempre o corpo como ponto de partida e suporte para a expressão.

Seu trabalho foi reconhecido duas vezes pela Associação Paulista de Críticos de Artes: em 2008, pela melhor “Política Pública em Dança”, e em 2011, por “Formação, Difusão, Produção e Criação em Dança”. De 2009 a 2016 ocupou o Galpão do Dirceu, onde foram desenvolvidos diversos projetos, ações e criações através de parcerias locais, nacionais e internacionais.

Em termos dos processos de singularização, sua atuação teve um efeito disruptor desde a sua concepção, na criação de um campo de imanência<sup>1</sup> e novos agenciamentos; balizados por uma via desejante, pautada numa formação ética, social e política; onde vida e arte fazem parte do mesmo processo.

Dessa forma, é relevante pesquisar as ações desenvolvidas no Núcleo do Dirceu, coordenadas por Marcelo Evelin, em colaboração com outros artistas que permaneceram como integrantes durante sua existência.

### **Composições + possibilidades**

Alicerçar um espaço cultural através do fazer artístico compartilhado, atribuindo ao seu ofício o compromisso da transformação de contextos e formação de sujeitos incide em um posicionamento ético, um “pôr-se com” o outro. Essa perspectiva promove uma convergência e uma coatuação entre seus agentes, que como um fio transversal perpassa as dimensões constituinte dos sujeitos, das processualidades do coletivo, seus territórios e suas experiências. É pensar as relações existentes no território como coimplicadas numa política de vida, agenciando as relações entre os sujeitos nas diferenças, nos seus modos de agir, no modo de subjetivação.

Toda experiência que concretiza uma subjetividade envolve modos historicamente peculiares de se fazer a experiência do si (subjetivação). Toda subjetividade expressa algo de impessoal porque supõe processos de subjetivação onde se dá a *repartição de singularidades* de que fala Deleuze. (CARDOSO JR. 2005, p. 344)

Nesse sentido, esta pesquisa acerca dos agenciamentos e a desterritorialização produzidas no Núcleo do Dirceu problematizará a abordagem entre arte, política e resistência, para identificar as linhas de força traçadas a partir das ações colaborativas, dos dissensos e dos deslocamentos estabelecidos que possam ter contribuído para a construção de outros contextos para a dança em Teresina.

---

<sup>1</sup> É antes de tudo como o Fora absoluto que não conhece mais os EU, porque o interior e o exterior fazem igualmente parte da imanência na qual eles se fundiram. (Deleuze e Guattari, 2012, p. 21)

Segundo Jacques Rancière, esse fenômeno “dissenso”, apresenta-se como o grande elemento de fusão entre arte e política. Sendo entendido, nesse contexto, como um aliado na ruptura de hábitos, desejos, valor, comportamentos entre outras construções sociais, que empobrecem os sujeitos e o seu habitat. Para Rancière (2010, p. 140 apud LEPECKI, 2011, p. 43), “se existe uma conexão entre arte e política, ela deve ser colocada em termos de dissenso – o âmago do regime estético”.

Enquanto a política propriamente dita consiste na produção de sujeitos que dão voz aos anônimos, a política própria à arte no regime estético consiste na elaboração do mundo sensível do anônimo, dos modos do *isso* e do *eu*, do qual emergem os mundos próprios do *nós* político. (RANCIÈRE, 2012, p.65)

Para esse autor, essa organização do sensível através do dissenso, consiste no processo de subjetivação política, “colocando em jogo simultaneamente, a evidência do que é percebido, pensável e factível, daqueles que são capazes de perceber, pensar e modificar as coordenadas do mundo comum” (Rancière, 2012, p.49), a partir da coletivização das capacidades investidas nessas cenas de dissenso.

O Plano de composição, à luz de Lepecki (2010, p.13) “é uma zona de distribuição de elementos diferenciais heterogêneos intensos e ativos, ressoando em consistência singular, mas sem se reduzir a uma ‘unidade”. Essa perspectiva nos instiga a entender outras relações estabelecidas com o chão supostamente neutro da dança em Teresina, ou seja: pensar a dança contemporânea ali produzida, como proposta de planos de composição de uma política do chão; reconhecendo nele as suas ranhuras e desníveis, para assim estabelecer um pertencimento coletivo, proativo e crítico “– com seu corpo se movendo no plano que agencia o desejo – seu chão.”(Lepecki, 2010, p.18).

Nessa ótica, possibilita-se entender as necessidades de delinear outros modos de subjetivação e emergência de linhas de fuga, envolvendo movimentos de desterritorialização e processos de reterritorialização. Deleuze e Guattari (1995) compreendem que esses processos são indissociáveis: um movimento de desterritorialização provoca, concomitantemente, um movimento de reterritorialização em fluxos contínuos, que não se estabilizam em um único quadro conceitual, num permanente “devir”.

Diante do exposto, este estudo da composição dos planos das forças e da partilha do sensível, se propõe a cartografar junto aos agentes envolvidos na construção do Núcleo do Dirceu, os entendimentos sobre um fazer arte implicado com um ser/estar no mundo, assumindo o chão que se tem aos pés e fazendo dele pontes para levar a outros seus modos de existir.

## Referências

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online], n.19, pp.20-28, 2002. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 28 set. 2018.

CARDOSO JR, Hélio. Para que serve uma subjetividade. Foucault, tempo e corpo. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, 18(3), pp.343-349, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a08v18n3.pdf>. Acesso em: 02/10/2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012, 2ª edição.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é Filosofia?** 3. ed. Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Paris: Flammarion, 1996.

GUATTARI, F. ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografia do desejo**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, [s.l.], v. 25, n. 2, p. 263-280, ago. 2013. ISSN 1984-0292. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4942/4784>. Acesso em: 08 out. 2018.

LEPECKI, André. Planos de composição. **Revista Criações e Contextos; Cartografia – Rumos Itaú Cultural**, 2009-2010. Disponível em: [https://issuu.com/itaucultural/docs/rumos\\_danca\\_criacoeseconexoes](https://issuu.com/itaucultural/docs/rumos_danca_criacoeseconexoes). Acesso em: 03 out. 2018.

LEPECKI, André. **9 variações sobre coisas e performance**. Florianópolis: CEART/UDESC, 2012.

LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolícia. **ILHA: Revista de Antropologia**, Santa Catarina, v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/download/2175-8034.../23932>. Acesso em: 10 out. 2018.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia**, UNESP, 8 (2), 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/103718733/MANSANO-2009-sujeito-subjetividade>. Acesso em: 05 out. 2018.

MESQUITA, Teobaldo Campos. **Manual de elaboração e apresentação de trabalhos científicos**. 3. ed. Sobral – CE: Edições Universitárias, 2011. 62 p.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 172-200.

PELBART, P. Biopolítica. **Sala Preta**, 7, p. 57-66, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v7i0p57-66>. Acesso em: 13 out. 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental Org.; Ed. 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

#### **SITES:**

<https://www.portalodia.com/noticias/piaui/nucleo-do-dirceu-anuncia-fim-das-atividades-apos-10-anos-de-cultura-257498.html>. Acessado em 02/07/2018.

<https://marceloevelin.wordpress.com/category/nucleo-do-dirceu/page/1/>  
Acessado em 02/07/2018.

<https://www.geleiatotal.com.br/2017/10/23/marcelo-evelin/> Acesso em: 01/08/2018.